

OURO, NINFAS E GARIMPO

RODRIGO NATIVIDADE

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO:

"Ouro, Ninfas e Garimpo" explora a vida e obra de Cláudio Manuel da Costa, primeiro poeta arcadista brasileiro, destacando sua formação em Coimbra, Portugal, e sua origem burguesa. O texto busca uma outra leitura para o poema mais conhecido de Claudio M. Costa; assim sendo, como ele versou, lido pela posteridade; ao analisar seu primeiro soneto arcadista, que enaltece o "Rio pátrio", o texto propõe uma leitura crítica que faz reflexão sobre a influência do ouro na cultura brasileira, e no nascimento da nação. Conecta essa análise com as fotografias de Sebastião Salgado na Serra Pelada, destacando as consequências sociais e ambientais, na persistência da exploração desenfreada. O texto encerra, relacionando a busca do ouro à tragédia de Mariana e Brumadinho, sugerindo que a exaltação do ouro, em detrimento da natureza, perpetua uma trajetória de destruição.

Cláudio Manuel da Costa, nascido na cidade de Mariana, advogado, minerador, filho de minerador, e por fim, poeta. Formou-se em direito em Coimbra, Portugal, faculdade da elite e que apenas poucos brasileiros conseguiram cursar; em sua formação fica explícita sua origem burguesa, o poeta vinha de uma família rica, de pai português e mãe mineira.

Faço uso da grafia de vida do primeiro poeta arcadista brasileiro, porque de certa forma explicam a visão de seus versos; diferente do que pensavam os formalistas russos, que, resumindo, julgavam que as palavras bastavam para tirar um sentido completo do texto; penso que algo/algun fator biográfico se entrelaça ao "estilo" do autor.

Copio e colo famoso soneto arcadista de Cláudio Manuel da Costa:

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês Ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas áreas

Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreais.
Que de seus raios o Planeta louro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.
(MANUEL DA COSTA, Claudio. SONETO NÚMERO 1; Obras Poéticas de
Manuel da Costa. 1903)

Entendo e aceito, que Claudio M. da C. queria ser lido pela posteridade, e acreditava que seria, todavia, sendo. Entendo e aceito a leitura do verso: “*Não vês nas tuas margens o sombrio/Fresco assento de um álamo copado/ não vês Ninfa cantar, pastar o gado*” como crítica aos versos europeizados, que enaltecem paisagens não-brasileiras. Entendo e aceito a leitura completa do soneto enaltecendo rio, então de águas turvas, pelo o ouro que “*brota*”.

Entretanto, quero ensaiar uma outra leitura, ou tentar.

O ouro é descoberto notificado pela primeira vez em vasta quantidade no território que hoje é conhecido como estado de Minas Gerais, por volta de 1693, achado por Bandeirantes.

A coroa portuguesa sabia da existência do ouro no Brasil, pois os espanhóis já haviam encontrado e enriquecido com ouro no resto do território americano que colonizaram, e os portugueses, procuravam desde muito tempo, sem grande sucesso. A promessa vinha desde a carta de Pero Vaz de Caminha, (onde a palavra *ouro* aparece 5 vezes), onde ele escreve: “Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro”. A partir do relato de Pero V. de Caminha, primeiro documento brasileiro, sabemos que um indígena reconhece de imediato o mineral similar à ouro e onde encontrá-lo, e aponta a direção: dentro na mata fechada, no sertão: lugar montanhoso, selvagem, de difícil acesso ao estrangeiro.

Do ouro notificado pelos bandeirantes, vieram as consequências do progresso: entram os povos em cobiça de ouro, e saem os povos indígenas sem qualquer cobiça “financeira” que ali habitavam, mortos, ou escravizados, então serviriam para guiar pela mata adentro, e de mão de obra para construir os alicerces de uma nova província, e depois, para a mineração. Sem povos indígenas, sem floresta densa, com ouro, faz as cidades ao entorno das minas crescerem

rapidamente; há registros que, em 1730, Vila Rica (Ouro Preto) chega a ser o lugar mais populoso da América Latina.

Após essa longa digressão, volto ao poema setentista.

(Acredito que o leitor atento já tenha adivinhado o caminho que estou tomando nessas páginas. Faço exercício de interpretação, um tanto, atrevido. E contínuo.)

O *eu lírico* do poema, *Glauceste Saturnino*, escreve: “Não vês ninfas cantar”, a leitura crítica que é feita da “Ninfa” acaba por achatá-la como símbolo europeu, (e/ou) europeizado, (e/ou) europeizante. No dicionário a definição para Ninfa: “na mitologia grega, conhecida como a divindade que habita os lagos, florestas, bosques, rios, montanhas e demais ambientes da natureza”. Estico a corda da mitologia grega até o território brasileiro - corda que estica sem arrebentar. Na falta de seres divinos gregos, tínhamos seres de carne e osso, nativos, que habitavam e cuidavam dos lagos, florestas, bosques, rios, montanhas e dos diversos reinos da natureza brasileira. A terra devastada pelo progresso afobado, urgente, em razão de ouro e de pedras preciosas, dizimaram nações inteiras desses povos nativos, sem qualquer possibilidade que os mesmos ali existissem, senão assimilados como escravos ou súditos da coroa portuguesa – logo, distantes da vida que tinham, distantes da floresta. Quando Cláudio Manuel da Costa diz, que não havia *ninfas*, ele abre possibilidade de interpretação para que se entenda que não existia seres que cuidavam do reino da natureza, que no Brasil, se traduz em, não havia povos indígenas.

Arremeto o curso desse ensaio, e pauso brevemente o raciocínio; ainda retornarei ao nosso primeiro poeta árcade.

Por agora, vejamos abaixo essa série de três fotografias tiradas por Sebastião Salgado, em tempos modernos.



(SALGADO, Sebastião. Gold - Mina de Ouro Serra Pelada. 1980. Colagem disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/13.148/7426>)

Essas fotografias se passam num garimpo clandestino no estado do Pará, Brasil, que ficou conhecido como Serra Pelada, no ano de 1986. A primeira fotografia mostra homens sobre homens subindo para fora da mina, por meio de uma escada feita de tronco de árvores chamadas de “adeus-mãe”, levando nas costas sacos com até 35 kg de terra. A segunda fotografia tirada em plano grande angular revela a imensidade e profundidade da mina – que era antes um morro -, e a pequenez dos homens, imagem que, guardadas em suas proporções, lembram um formigueiro. A terceira repete o cenário e a ação da primeira, contudo numa harmonia mais caótica.

A mina a céu aberto tem começo clandestino, mas foi rapidamente assimilada pelo governo – na época, os coronéis da ditadura militar. O terreno tomado, então, vendido e sorteado, era dividido em barrancos, e os donos desses, eram chamados de “capitalistas”. Apesar dos pesares havia certa ordem, apesar dos pesares havia regras, na mina, era proibida a entrada de mulheres, como era proibido a existência de armas e bebidas alcoólicas; logo, surge um lugar onde os trabalhadores pudessem descansar e onde tudo o que lhes era proibido é permitido, logo disso surge uma cidade, nasce *Vila Trinta*, recebe esse nome por localizar-se a 30 km da mina.

Encerro abruptamente a biografia da mina, faço-a breve, mas faço-a suficiente - para ilustrar os ecos da história.

É proposital a escolha do fotógrafo pelo uso de filme fotográfico preto e branco, ao invés de filme colorido; traz uma agudeza maior a imagem – em todos os sentidos estéticos.

É do humano contemporâneo, acostumado com o mundo a cores, entender e assimilar a imagem em preto e branco a qualidade de coisa antiga, de documento histórico. Serra Pelada, hoje, é de fato um algo histórico, ganha notoriedade, pela forma que aconteceu, rapidamente; pelo “interesse” nacional e internacional, que deslocou mais de 30 mil pessoas até a mina; pela quantidade de ouro retirado, 56 toneladas; o adjetivo dado a lugar específico no Pará, vira adjetivo comum a qualquer lugar farto de ouro, tal como “Eldorado”, logo ambos se tornam sinônimos, e quando se descobre uma nova área com vastos jazigos de ouro, o chamam de Nova Eldorado, Nova Serra pelada. Contudo, não há quem aponte Eldorado no mapa de qualquer cidade; o lugar é menos algo concreto e verídico, e mais um mito. Conhecemos, todos nós conhecemos o mito de Eldorado: a perdida cidade construída/feita/abiscoitada de ouro.

Afirmar anteriormente que a lenda não podia ser apontada no mapa-múndi, que não se dava em território real, porém, foi imaginada/ficcionada em território, na época, recém encontrado por europeus, o continente americano - mais especificamente a parte reivindicada pelos espanhóis, e lembremos a valia do *tratado de Tordesilhas*, o que nos serve de medida para identificamos até onde, aproximadamente, entendia-se o território como espanhol. Há relatos que muitos viajantes vieram à América do Sul a procura deste mito que acreditavam se tratar de uma cidade de ouro perdida, sem qualquer sucesso, claro.

Enquanto isso, a vida acontecia na América Portuguesa, onde engenhos de açúcar encontravam-se em crise em motivo da concorrência açucareira das colônias francesas, holandesas e inglesas na América Central, e renasce a demanda do ouro.

Resumo a ideia exposta em páginas anteriores.

O ouro é achado por paulistas que exploravam mata adentro, chamados de bandeirantes. Ouro que é notificado a Portugal. O ouro que serve de pedra-ímã, e atrai multidão, na Europa surge a notícia da “Eldorado” na América Portuguesa; José André Antonil, padre jesuíta, testemunha o processo migratório em razão da

nova descoberta, e relata em seu livro de 1711 “Cultura e Opulência do Brasil”: “a cada ano vêm nas frotas quantidades de portugueses e de estrangeiros, para passarem às minas.”. Perto das minas, surgem lugares de descanso, surgem cidades; a que unia mais relação com a rota do ouro, e/ou, a que mais se beneficiou, foi a Vila Rica - posteriormente renomeada para Ouro Preto.

Entende-se a semelhança como se desenhada. Retorno aos versos do soneto de Cláudio Manuel da Costa: “Nas porções do riquíssimo tesouro/O vasto campo da ambição recreias”

O poeta, nascido e criado em uma cidade surgida das minas de ouro, e sendo o próprio minerador, traz consigo as imagens das consequências da descoberta do ouro, da mineração; se não testemunhou o afobamento inicial, certamente ouviu histórias do pai, da mãe, da população que vivia nestas cidades. Vimos que a história se repete, e que a atividade da mineração - tirar ouro da terra -, se não feita com maquinários pesados, demanda uma enormidade de mão de obra, de pessoas, de trabalhadores. As fotografias tiradas por Sebastião Salgado na Serra Pelada são a imagem “*aproximada*”, “*semelhante*”, “*verossímil*” do que foi a barbárie da descoberta do ouro no Brasil, e também dos versos de Cláudio M. da Costa. A serra pelada coberta de homens é a pura imagem da ambição, da febre do ouro, que norteou o descobrimento do Brasil, e que fez possível a existência de Serra Pelada, e que continua norteando a devastação atual da Amazônia e de outros biomas brasileiros.

Retomo a biografia do poeta.

Cláudio Manuel da Costa veio de uma família de mineradores, ele mesmo veio a ser um minerador. Primeiro, versou o rio pelo o que ele não tinha (em comparação aos rios europeus), e depois, versou pelo o que ele julgava que o rio tinha de mais valioso, o ouro. Sua formação europeia, em Coimbra, o fez julgar as belezas daqui, em pesos de lá, estrangeiros; vimos, lemos, pensamentos parecidos nos escritos de Pero Vaz de Caminha e Pero M. Gandavo, ambos europeus, ambos portugueses. Quem se define como poeta *ultramarino*, em consequência define seu “centro”, “núcleo”, “eixo”? Pelo menos intelectualmente, sim, afinal era ultramarino porque prestava referência ao arcadismo, movimento de origem europeia.

Para exemplificar a visão do poeta sobre o ouro, ou como eu a vejo, lembro quadro surrealista de René Magritte, “A clarividência”, em que o pintor se registra em autorretrato fazendo um quadro, o objeto-modelo para pintura é um ovo, e na tela o que o autor se auto-retrata pintando é um pássaro. Faço analogia semelhante em relação ao ouro, onde a ilustração evolutiva, a ação seguinte à descoberta/promessa deste em estado bruto na natureza, é a mineração. O ouro, a grande valia do “rio pátrio”, em rápida e óbvia associação, foi assim pensado em razão da relação do poeta com a atividade mineração, ofício que herdou do pai. Talvez, se os povos indígenas tivessem desenvolvido escrita e soubessem versar, o próprio rio seria a “exaltação” do rio, a floresta da floresta, o mar – sempre houve quem o exaltasse – do mar; mas nunca conheceremos essa visão da época.

Ontem, hoje e amanhã, a exaltação do ouro (=lucro), ao invés do rio (=natureza), continua gerando destruição. O rio pátrio Ribeirão do Carmo, antes, como disse o poeta, de águas turvas da mineração, hoje tem suas águas turvas de esgoto. Nós, a posteridade, lemos o nome da cidade natal do poeta, Mariana (MG), e lembramos dos rejeitos, da lama, da barragem que destruiu parte da cidade histórica, e conseqüentemente, também lembramos de Brumadinho (MG).

Copio e colo um dos versos iniciais mais lembrados da literatura brasileira por ser um dos, ou, o mais ousado: “Leia a posteridade, ó pátrio Rio/Em meus versos teu nome celebrado”, escreveu o poeta sem nunca dizer o nome do rio; rio, definido apenas como pátrio. Então o que se lê, o rio ou o poeta ultramarino, Cláudio Manuel da Costa?

O ouro, a tal riqueza do rio Ribeirão de Carmo, pode-se dizer que levou a morte do nosso primeiro arcade. O anúncio de uma nova derrama – taxa que a população mineira precisaria pagar caso não alcançasse o pagamento do *quinto* anual à coroa portuguesa -, gerou a inconfidência mineira, que gerou sua prisão, que levou a sua morte – a causa do óbito, os arquivos portugueses e brasileiros divergem, mas há um consenso entre especialistas que -, o poeta foi suicidado em sua cela.

Bibliografia:

CASTRO, Silvio: A Carta de Pero Vaz de Caminha. O Descobrimento do Brasil. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ANTONIL, André João. Cultura e Opulência do Brasil Por Suas Drogas e Minas. Introdução e Notas de Andrée Mansuy Diniz Silva. São Paulo: USP, 2007

Schwarcz, Lilia. e STARLING, Heloisa. Brasil: Uma Biografia. 2ª edição. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

MANUEL DA COSTA, Claudio. Obras Poéticas de Manuel da Costa. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1903